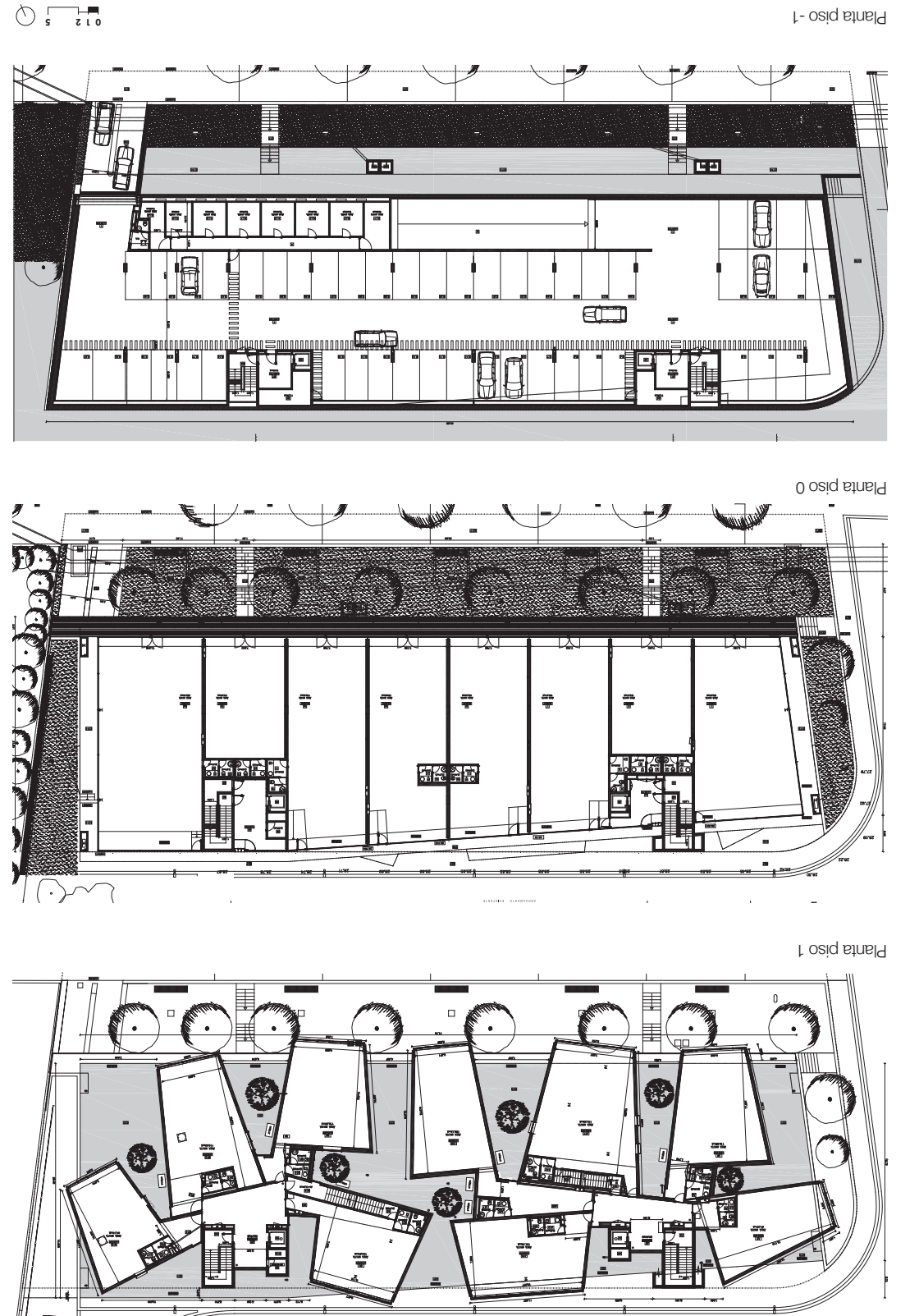
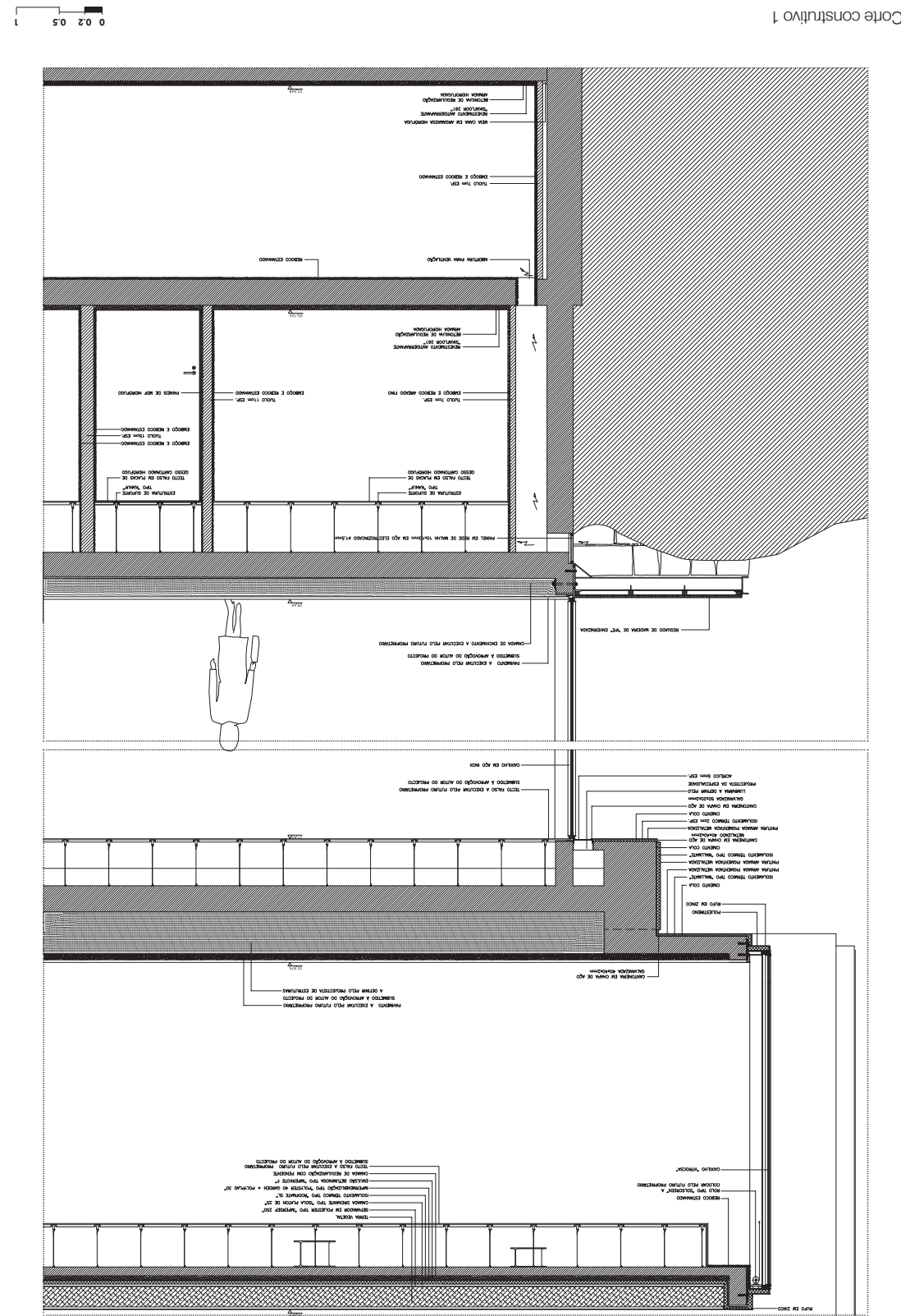
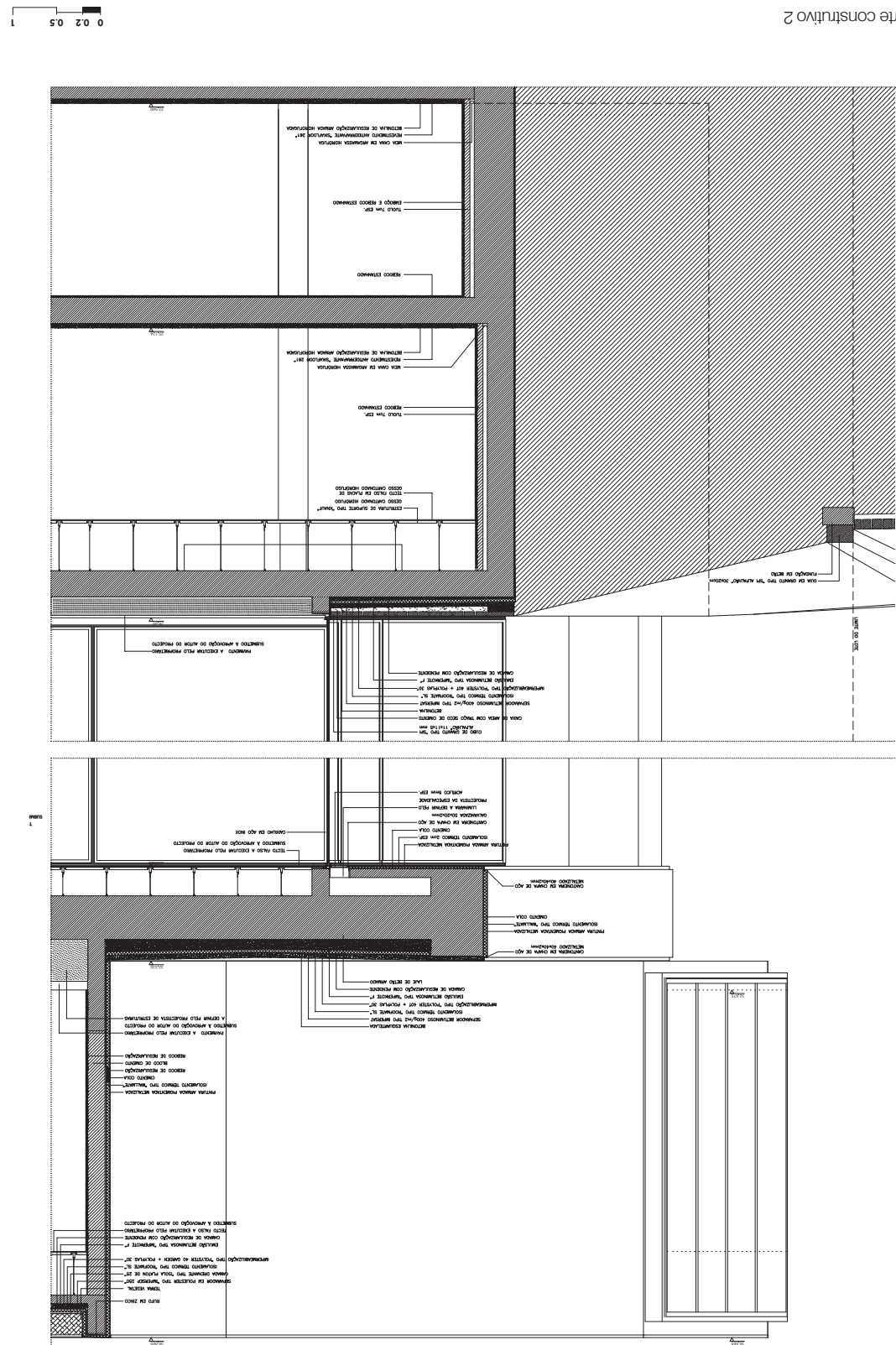
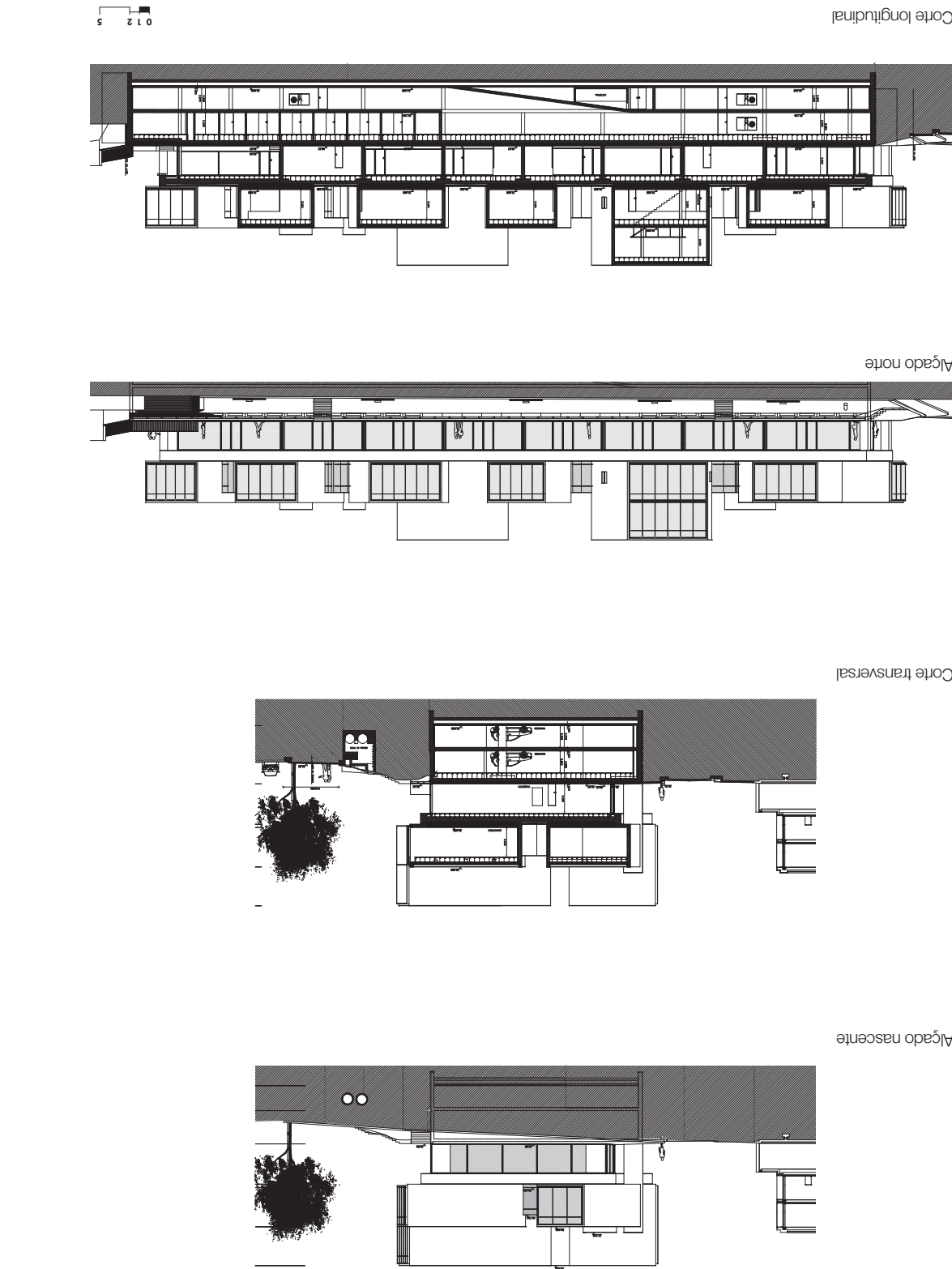




da obra Eduardo Souto de Moura

O detalhe mínimo

A corrente minimalista ganha um grande impacto durante o movimento moderno, com obras de arquitetos como Mies van der Rohe, garantindo uma maior limpeza formal e uma procura pela pureza dos espaços. A redução torna-se o método de trabalho que consiste na eliminação de elementos que se considerem excessivos na linguagem de uma obra.

O valor, que era já um tema predominante no movimento moderno, ganha ainda mais relevância para arquitetos como Mies porque desbloqueou uma série de métodos que permitiram a construção mínima – uma construção visualmente pura que reduzia os elementos em excesso conforme as decisões do arquiteto. O seu valor reside também no facto das obras desta corrente se apropriarem dos elementos construtivos, enquadrando-os na composição visual.

Esta corrente perdura na arquitetura contemporânea, refletindo-se sobretudo nas obras do arquiteto português em estudo: Eduardo Souto de Moura.

Foi precisamente a sua postura analítica e crítica perante a corrente minimalista que o levou a desenvolver uma atenção especial pelo detalhe construtivo, procurando reduzir a sua arquitetura ao essencial. Esta premissa tomou-se uma linha de ação bastante preponderante, na qual a busca pela "medida justa" se reflete no rigor construtivo das suas obras.

As obras do arquiteto refletem um desenho de planos nos quais o desenho recortado de janelas não é frequente; assume mesmo os planos como sendo de um só material – quando são de vidro exibem um desenho detalhado exímio de caixilhos subtis que realçam a obra.

O detalhe na obra de Souto de Moura é pensado de maneira a alcançar a maior eficácia funcional, sem comprometer a obra através de uma expressão mínima formal. O arquiteto chama-lhes "vírgulas e pontos" que, tal como num texto, são pequenos elementos mas essenciais para a sua melhor compreensão. Este detalhe mínimo permite uma leitura global da obra sem que o exagero do mesmo a perturbe, podendo este mesmo, sobrepor-se à composição em casos mais pretensiosos.

O edifício

O Edifício Comercial da Avenida da Boavista, projetado em 2003 e construído em 2008, consiste formalmente num piso térreo que se apresenta como uma plataforma horizontal sobre o qual assentam volumes que se orientam de forma irregular. Estes apresentam a sua face mais estreita envidraçada para aproveitarem a luz de Norte e dois volumes orientam-se a Sul. Excepcionalmente, dois deles desenvolvem-se em dois pisos, acentuando ainda mais a sua assimetria. O piso térreo apresenta acessos pela frente, virados para a Avenida da Boavista, enquanto que os volumes superiores acedem-se pela rua traseira a partir de dois núcleos de distribuição vertical.

O alçado é composto por grandes panos de vidro com caibilharia em alumínio e o acabamento do volume consiste em pintura amada pigmentada e metalizada, o que lhe atribui uma cor acinzentada. Para além do volume geral perceptível, o edifício desenvolve-se também em dois pisos de estacionamento subterrâneo, nos quais a ventilação é realizada por uma abertura que vem desde o estacionamento e desemboca imediatamente abaixo do passadigo em madeira, correspondente à galeria de distribuição vertical.

PUBLICAÇÕES

CIAMH Research on Innovation

www.ciamh.up.pt geral@ciamh.up.pt online book store www.ciamh.up.pt/books



frente&verso

documentos periódicos de construção

edifício comercial na Avenida da Boavista

Eduardo Souto de Moura



editorial Carlos Nuno Lacerda Lopes

Construção – a nova disciplina de projeto

Os próximos números 33 a 37 são dedicados aos trabalhos de investigação e análise que os alunos do curso de arquitetura da FAUP realizaram no âmbito da Unidade Curricular de Construção 2 (c2taup). Estes estudos têm por objetivo compreender e desenvolver capacidades cognitivas e de comunicação, através do domínio de instrumentos digitais de desenho e de pré-formalização dos processos construtivos, com vista à compreensão da abrangência da construção, tendo por base alguns autores e obras que nos apresentam situações diferenciadoras e, algumas, com caráter de inovação ou de recuperação de métodos e sistemas construtivos que a tradição realizava e que a atualidade vem perdendo.

Assim, é proposta a escolha de técnicas construtivas, tecnologias de construção, materiais e processo de aplicação e, sobretudo, o desenvolvimento de outros olhares para uma divergente possibilidade de inscrição na arquitetura e no projeto, tendo por base o conhecimento da realidade construtiva, dos processos de desenho assistido, apoiados e desenvolvidos por software especificamente elaborado para a conceção e domínio do projeto de arquitetura e das restantes especialidades de um modo colaborativo.

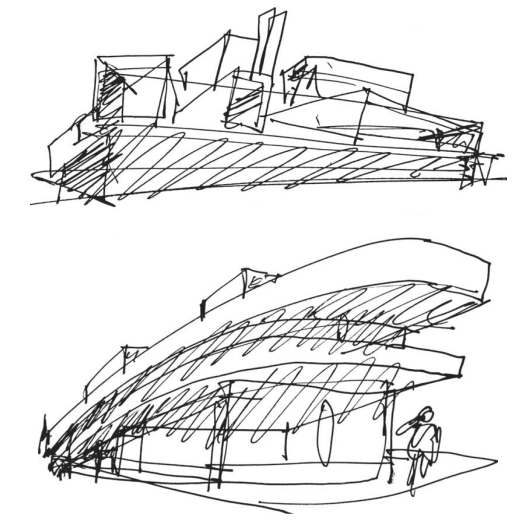
Da construção em ETICS, à construção em terra, passando pelo domínio dos processos de construção tendo por base a madeira, o aço, ou outros materiais como o colmo, e ainda outros de carácter sofisticado e de alta tecnologia, se poderá compreender que a nova arquitetura poderá passar pelo domínio dos velhos materiais. Sobre tudo, a possibilidade de criação de novas associações que permitem outros resulta-

dos arquitetónicos onde a forma não é um a priori mas um resultado do conhecimento, esse sim mais científico e profundo, pode justificar a nova arquitetura que as novas escolas, os novos alunos, os novos professores podem vir a desenvolver.

“Ainda estamos muito ligados à imagem do arquiteto-artista na sua torre de marfim, e eu penso que isso vai acabar. Vem aí uma nova disciplina”

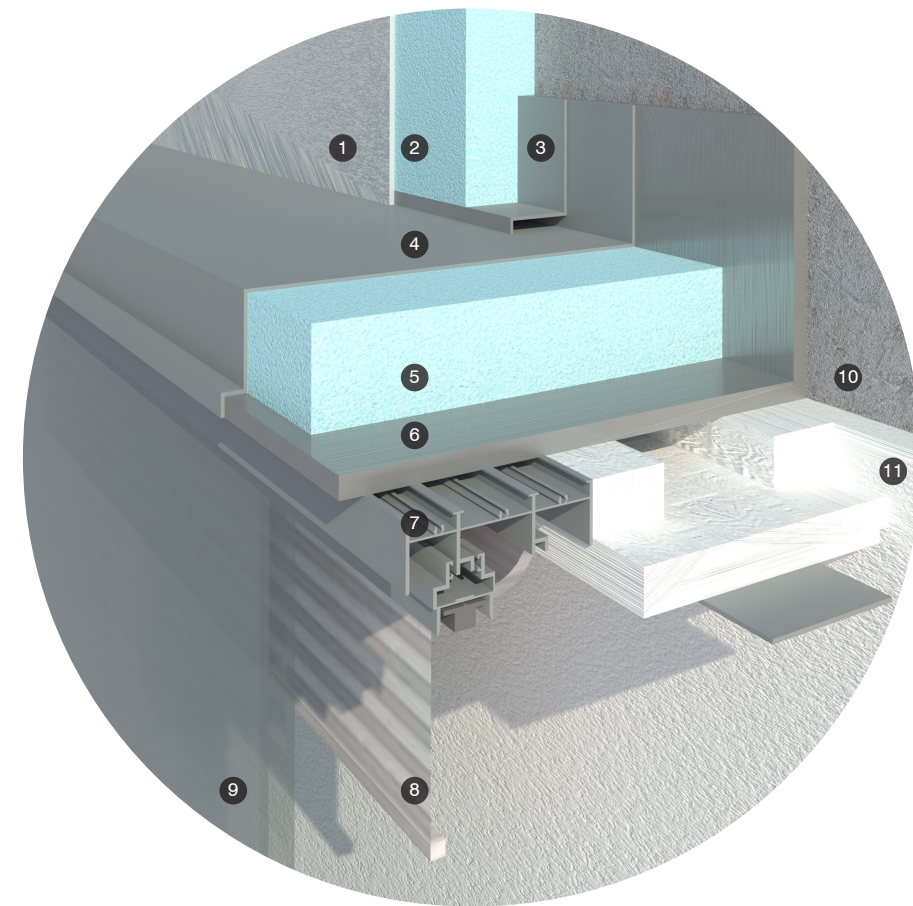
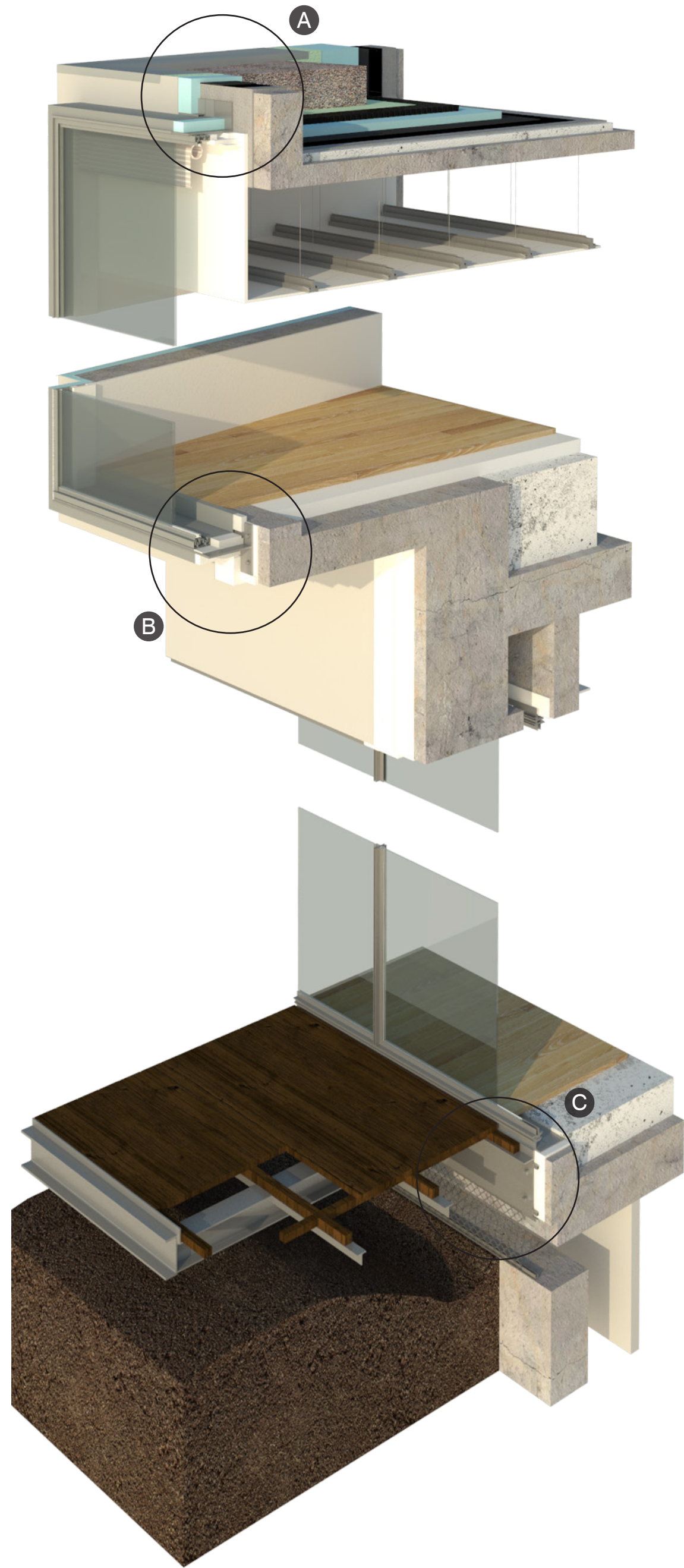
(Eduardo Souto de Moura, 2016)

Talvez, por tudo isto, Eduardo Souto Moura nos incita à necessidade de os arquitetos terem de inventar uma nova disciplina e que essa disciplina – a nova arquitetura – só se justifique pela construção.

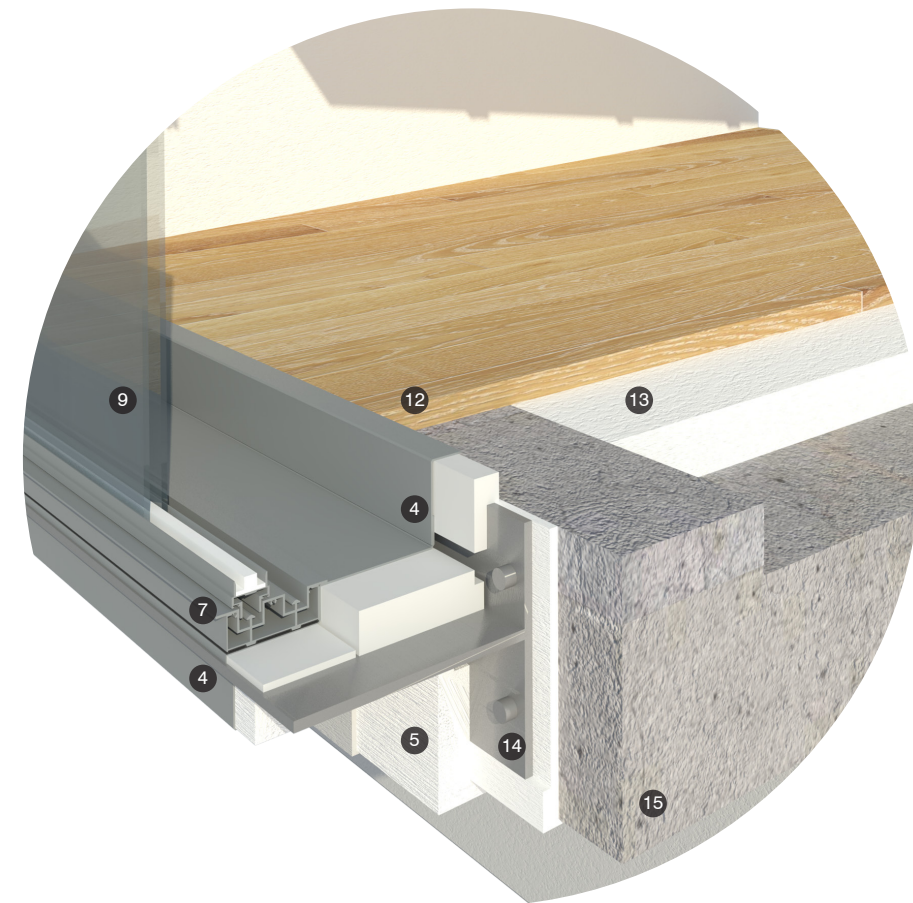


TRABALHO DE ALUNO DESENVOLVIDO SOB TUTORIA DO PROF. ELISEU GONÇALVES NO CONTEXTO DAS AULAS PRÁTICAS DE CONSTRUÇÃO 2 - MIARQ/FAUP

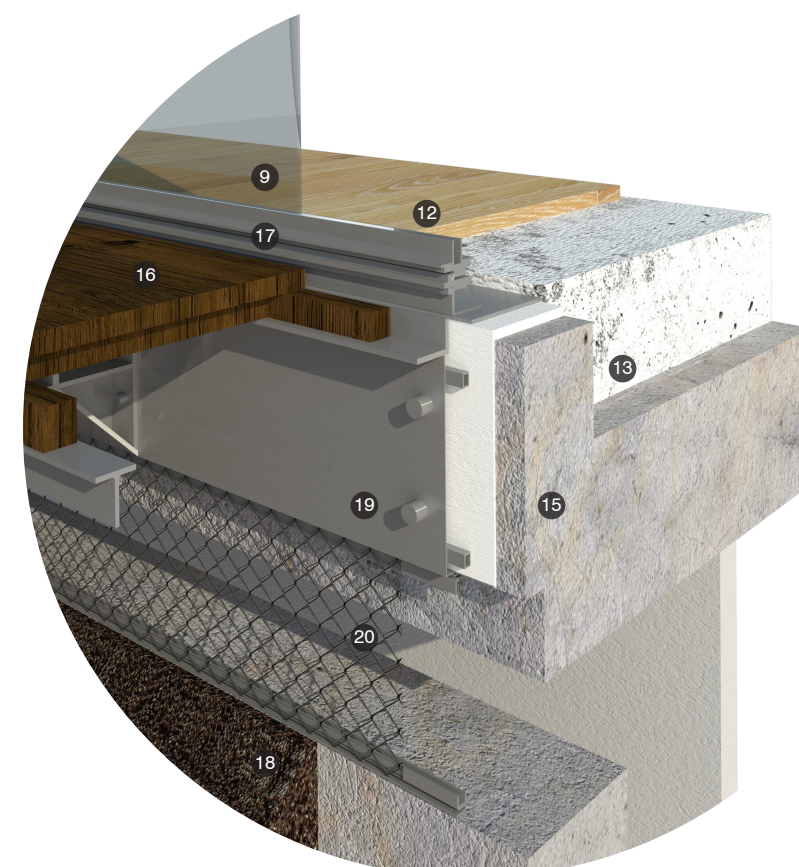
Publicação e edição da responsabilidade do Prof. Doutor Nuno Lacerda Lopes, regente da UC Construção 2 - MIARq/FAUP



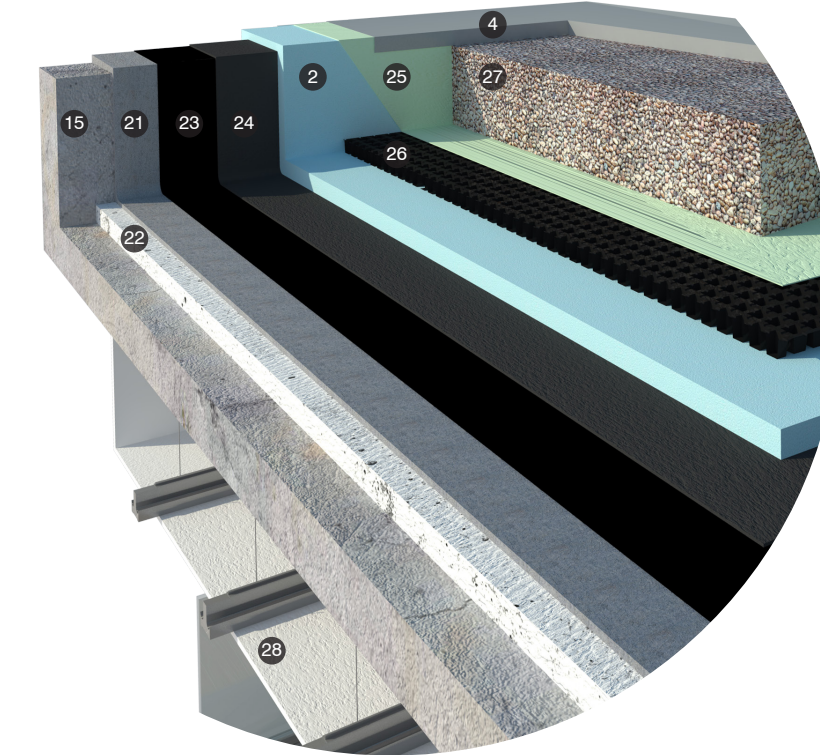
A Remate superior do caixilho



B Remate inferior do caixilho



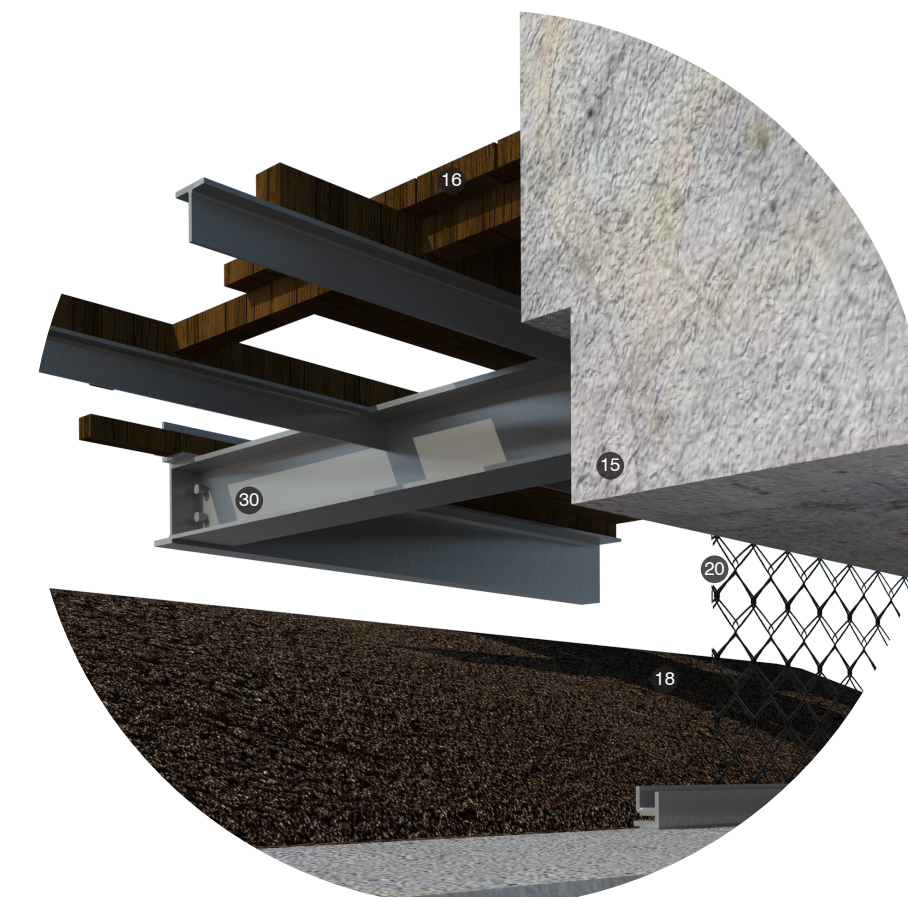
C Remate inferior do caixilho junto ao pavimento exterior



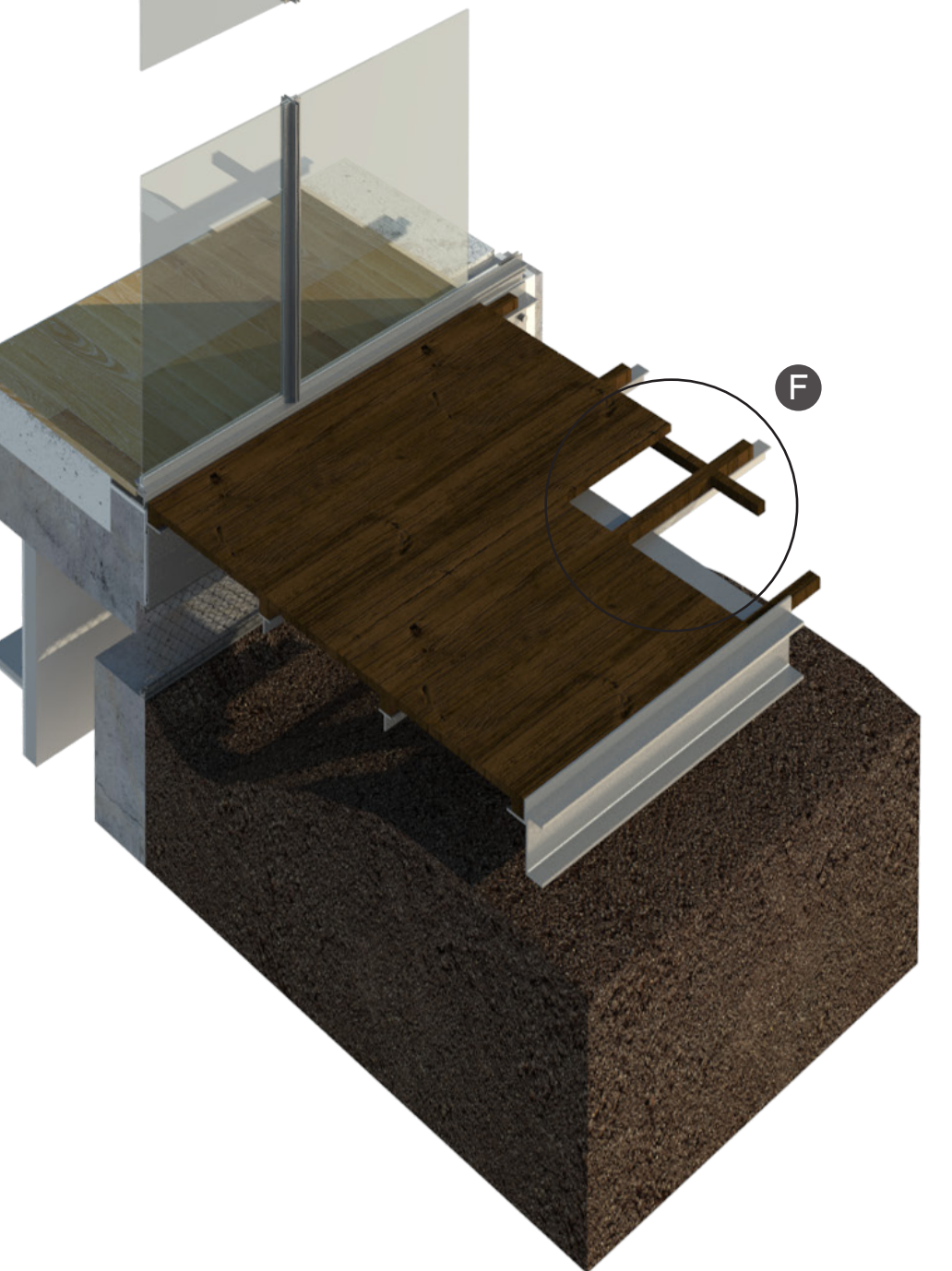
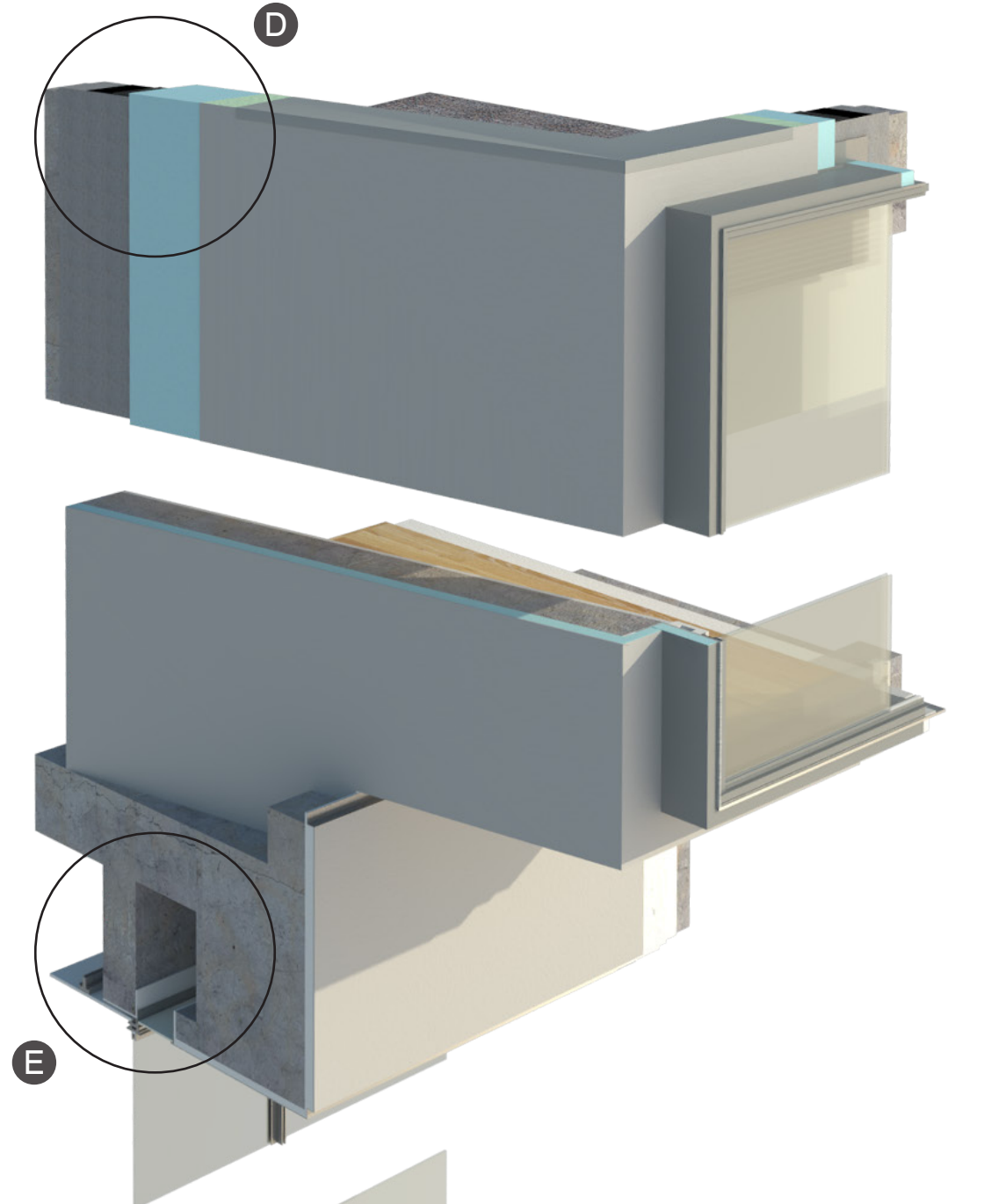
D Cobertura e platibanda



E Nicho para luminária exterior e caixilho



F Pavimento exterior



- | | |
|--|---|
| 01 Pintura armada pigmentada metalizada | 16 Reguado de madeira de "IPÊ" envernizada |
| 02 Isolamento térmico tipo "roofmate SL" | 17 Caixilho em aço inox |
| 03 Cantoneira em chapa de aço | 18 Terreno |
| 04 Rolo em zinco | 19 Perfil de aço, barra retangular |
| 05 Poliestireno | 20 Painel em rede de malha 10x10 em aço eletrozincado |
| 06 Perfil de aço, cantoneira de abas desiguais | 21 Argamassa de regularização com pendente |
| 07 Caixilho SlimSlide, ARKIAL/SAPA | 22 Betão leve |
| 08 Rolo tipo "solscreen" | 23 Emulsão betuminosa tipo "imperkote F" |
| 09 Vidro | 24 Impermeabilização tipo "polyester 40 garden + polyplas 30" |
| 10 Cimento cola | 25 Separador em polyester tipo "impersep 250" |
| 11 Reboco estanhado | 26 Camada drenante tipo "isola platon de 25" |
| 12 Pavimento | 27 Seixo rolado |
| 13 Camada de enchimento | 28 Teto falso |
| 14 Perfil de aço "T" | 29 Acrílico 5mm esp. |
| 15 Betão armado | 30 Perfil de aço "IPE" |